

Covid-19. Portugal passa pico de novas infeções mas ainda não é sinal de alívio



Rui Duarte Silva

Peso da variante inglesa nos novos casos na região de Lisboa está a “atrasar” a descida da incidência a nível nacional. Evolução continua a depender totalmente do cumprimento das medidas de confinamento. “Não podemos aliviar”, frisa perito da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

1 FEVEREIRO 2021 17:59



[Raquel Albuquerque](#) Jornalista

[Sofia Miguel Rosa](#) Jornalista infográfica

Os peritos estimam que o pico de novas infeções desta terceira vaga de covid-19 já tenha ocorrido nos últimos dias ou esteja a acontecer neste momento, numa altura em que o número de novos casos na região de Lisboa e Vale do Tejo ainda não começou a descer, ao contrário de outras regiões do país.

“O pico foi antecipado”, aponta Carlos Antunes, matemático da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que apontava para o máximo da incidência ocorrer no final desta semana. **“Já terá acontecido em todas as regiões exceto em Lisboa e Vale do Tejo.** E, devido a isso, o pico nacional estará a ocorrer, situando-se entre as datas do pico das restantes regiões (de 23 a 25 de janeiro) e as datas previstas de ocorrência em Lisboa e Vale do Tejo (de 1 a 4 de fevereiro).”

Henrique Oliveira, matemático no Instituto Superior Técnico, afirma que o pico já foi ultrapassado nos últimos dias. “A força da infeção começou a descer. **Mas isto não quer dizer que não volte a crescer se novas variantes entrarem**”, sublinha.

CASOS COVID-19 EM PORTUGAL

Número de novos casos e média móvel dos 7 dias anteriores

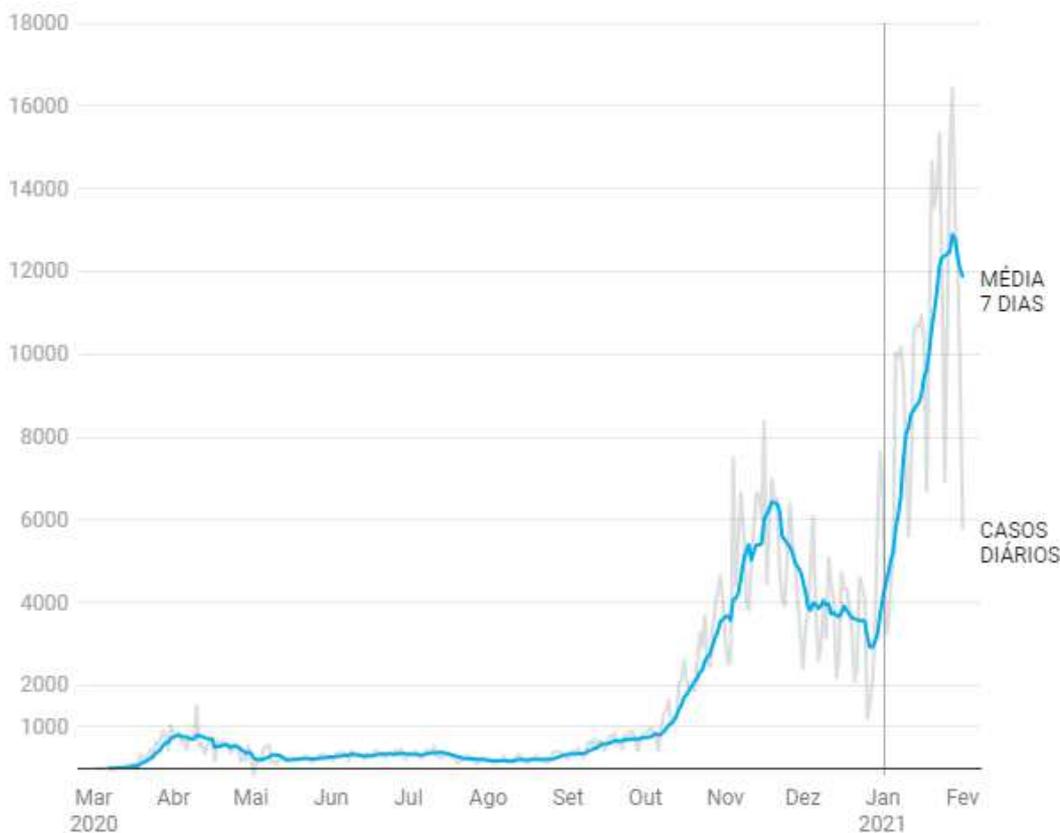


Gráfico: EXPRESSO • Fonte: DGS • Descarregar estes dados • Criado com Datawrapper

Passar o pico numa fase em que o número de novos casos ainda é tão elevado não é de todo um sinal de que a situação esteja controlada. “Aliviar agora neste momento e **soltar a mola é mais perigoso do que em novembro**, em parte porque a variante inglesa é mais contagiosa”, avisa Carlos Antunes.

O IMPACTO DA NOVA VARIANTE

Os últimos dados sobre a presença da variante inglesa em Portugal indicam que já esteja presente em 50% dos novos casos em Lisboa e 18% no Porto, rondando a nível nacional cerca de um terço das infeções. Sabe-se já que **esta variante é mais transmissível** e que teve impacto no aumento exponencial da incidência.

Carlos Antunes defende que a prevalência da nova variante em Lisboa e Vale do Tejo “estará por trás do atraso do pico na região e pelo arrastar do pico a nível nacional.” Também Óscar Felgueiras, matemático especializado em epidemiologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, sublinha o peso da variante na diferente evolução entre regiões. “**A prevalência da variante inglesa é assimétrica no país**, ou seja, está distribuída de forma assimétrica, com particular concentração em Lisboa e Vale do Tejo. E isso faz com que a evolução das regiões seja distinta”, indica.

Ainda assim, o especialista sublinha que o confinamento está a ter efeito. “Creio que a região de Lisboa e Vale do Tejo não conseguiria atingir o pico no próximo mês sem o fecho das escolas”, indica.

Com o número médio de pessoas que cada infetado contagia (R_t) a descer, também Carlos Antunes frisa o efeito das medidas de contenção. “O reforço do confinamento com o fecho das escolas está a ter resultados e o fecho das fronteiras pode vir a repercutir-se positivamente. Mas **tudo depende da adesão das pessoas às medidas**”, explica. “Este é o momento em que devemos cumprir mais, porque quanto mais eficaz formos mais reduzimos a incidência.”

O matemático da FCUL defende que este momento deve ser aproveitado para “acelerar” o controlo das cadeias de transmissão, testando mais e apostando nos inquéritos epidemiológicos. “Ainda temos uma positividade muito elevada, a rondar os 20%, e que deveria estar abaixo de 5%. A Dinamarca tem 0,5%, com metade da população portuguesa e quase o dobro dos testes.”

Neste momento, segundo o mesmo modelo que Manuel Carmo Gomes apresentou na reunião no Infarmed, recuar ao nível de incidência anterior ao Natal pode levar mais três semanas, mas só se o confinamento for cumprido de forma rigorosa. “Se nesta fase houver um grande cumprimento das medidas, **conseguimos reduzir para níveis anteriores ao Natal daqui a três semanas, no final de fevereiro. Mas só se formos muito eficazes. Não podemos aliviar antes de fevereiro.**”